



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

“VAI TER MAIS ESTÁGIARIO DO QUE ALUNO AQUI”: um relato de experiência

LÍVIA ALMEIDA SANTOS¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA /UESB

Resumo

O presente relatório apresenta a experiência de estágio supervisionado na disciplina de Metodologia e Prática do Ensino em Ciências Sociais I, desenvolvido em uma escola da rede estadual de Vitória da Conquista – BA. A atividade possibilitou vivenciar o cotidiano da escola pública, observar a dinâmica das aulas de Sociologia e refletir sobre os desafios da formação docente. Entre os principais aspectos observados, destacam-se a falta de acolhimento institucional aos estagiários, a dificuldade de comunicação com a gestão e o fato de a disciplina ser ministrada por um professor não licenciado em Ciências Sociais. Apesar das limitações, a prática revelou espaços potentes de aprendizagem, como discussões em sala sobre cultura e diversidade. A convivência com os estudantes e com o professor regente favoreceu uma compreensão mais sensível e crítica da realidade escolar. A experiência contribuiu para fortalecer a percepção de que formar-se docente exige escuta, adaptação e compromisso com a transformação social.

Palavras-chave: Escola pública. Estágio supervisionado. Formação docente.

Introdução

A disciplina de Metodologia e Prática do Ensino em Ciências Sociais I é a primeira disciplina de estágio dos licenciandos em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que serão professores de Sociologia. No entanto, alguns estudantes podem ter uma primeira experiência em sala de aula por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Esse foi o meu caso. Em junho de 2023, ingressei como bolsista no PIBID, e a escola em que atuei foi o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). A professora preceptora era formada em Ciências Sociais e ministrava exclusivamente aulas de Sociologia — disciplina que dominava e à qual dedicou toda a sua carreira. Em um primeiro momento pensei em retornar como estagiária para lá, no entanto, decidi experienciar algo novo, e além disso considerei a escola que realizei o estágio por ser perto da Universidade.

Essa experiência de pouco mais de um ano no IFBA me trouxe algumas expectativas quanto a esta disciplina de estágio. Essa experiência, apesar de não ser a primeira em sala

¹ Graduanda de Ciências Sociais, bolsista no Programa de Educação Tutorial Institucional – PETI Ciências Sociais, integra o grupo de pesquisa Oju Obinrin – Feminismos, Etnicidades e Conhecimento (CNPq UESB).



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

de aula, representou um desafio distinto, pois decidi me colocar em outro contexto escolar. Afinal, como lembra Freire (1996, p. 85), “ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos”. Eu já conhecia algumas mazelas da escola pública, mesmo tendo tido meu primeiro contato em um espaço privilegiado. Os Institutos Federais oferecem estímulos e estruturas que muitas escolas estaduais não possuem — e isso ficou claro nos últimos meses, especialmente no que diz respeito às aulas de Sociologia.

A escola que escolhi para estagiar também é de tempo integral, como o IFBA. Geograficamente, ela está situada em uma área privilegiada, localizada na Avenida Olívia Flores, no bairro Candeias, na cidade de Vitória da Conquista. Ao contrário da minha experiência anterior, em que a escola ficava em um bairro periférico e distante do centro, essa nova instituição está situada em um ponto de fácil acesso. A escola escolhida para fazer o estágio foi o Colégio Estadual Professora Heleusa Figueira Câmara.

O antigo nome da escola, “Colégio Modelo”, despertava uma série de boas expectativas. Poucas pessoas sabiam que seu nome completo antigamente era “Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães. Grande parte dos estudantes são oriundos de escolas particulares de bairro ou do Sesi Anísio Teixeira. Em 2022, pela portaria nº 153/2022, o então Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães — inaugurado em 1998 — passou a se chamar Colégio Estadual Professora Heleusa Figueira Câmara, 24 anos após sua inauguração.

A mudança foi uma homenagem à professora Heleusa Câmara, filha do médico Ubaldino Gusmão Figueira e da professora Maria Stella Moraes Figueira. Heleusa Câmara foi uma personalidade importante para Vitória da Conquista e região: poetisa, contista, teatróloga e professora Emérita da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Faleceu em 2019.

A escola é de ensino integral e oferece alimentação (almoço e lanche), possui biblioteca, cozinha, sala de leitura, quadra de esportes, auditório, sala dos professores, sala de coordenadores, banheiros para os professores, copa, e sala da diretoria. No entanto, não possui laboratório de informática, laboratório de ciências ou sala de atendimento especial. A água utilizada é tratada e fornecida pela rede pública, assim como a energia elétrica e o serviço de coleta de lixo. A escola tem acesso à internet banda larga, impressora disponível



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

aos professores, aparelhos de televisão nas salas de aula, dois ventiladores por sala e um projetor portátil que é levado até a sala quando solicitado pelo funcionário responsável.

Em suma, a escola tem uma boa estrutura e localização privilegiada — próxima a pontos de ônibus, mercados, lanchonetes e universidades. Essas características favorecem a permanência do alunado e contribuem para seu desempenho acadêmico. Ter conhecido essa estrutura antes de iniciar a observação em sala já me trouxe algumas impressões iniciais, mas foi a partir da entrada efetiva na sala de aula, com o professor regente, que comecei a entender de forma mais concreta como esses elementos estruturais se articulam — ou não — com as práticas pedagógicas, os desafios cotidianos e a realidade dos estudantes.

Discussão

Ao iniciar de fato a etapa de observação em sala de aula, percebi rapidamente que o cenário idealizado na escolha da escola nem sempre correspondia à realidade do cotidiano. O professor regente com quem estagiei não era formado em Ciências Sociais, mas sim em História, tendo assumido a disciplina de Sociologia como forma de completar sua carga horária no concurso. Esse dado, por si só, já revelava um dos tantos atravessamentos que marcam o ensino de Sociologia no ensino médio. Além disso, o início da experiência foi marcado por dificuldades de comunicação com a gestão escolar e com parte dos funcionários.

A recepção aos estagiários foi fria, distante - e por vezes até hostil. Ficava evidente que éramos vistos como incômodos, “pé do saco”, como ouvi em tom de brincadeira (ou não tão brincadeira assim) de uma funcionária do pátio ou a fala de uma outra que disse “Vai ter mais estagiário do que aluno aqui”. Essas falas, mais do que meras piadas, revelam uma percepção institucional sobre o lugar do estagiário na escola — um lugar de pouco valor, quase descartável. Nesse sentido, vale lembrar que, como afirma hooks (2013, p. 207), “ensinar é um ato que exige reconhecer que a sala de aula é um espaço de possibilidades.

Ao mesmo tempo em que pode reproduzir dominação, pode também ser um local de liberdade.” Essa perspectiva ajuda a compreender que, mesmo em um ambiente marcado



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

por resistências, o estágio pode abrir brechas de aprendizagem crítica e significativa. Esse primeiro impacto rompeu com idealizações que ainda carregava e me colocou diante da complexidade real de estar na escola pública não apenas como observadora, mas como alguém em processo de formação docente, que precisa se afirmar em meio a resistências e desencontros no ambiente que deveria, em tese, acolher futuros professores.

Ao contrário de muitos funcionários da escola, que nos viam como “sem ter o que fazer”, o professor que acompanhamos — eu e mais dois colegas — sempre se mostrou solícito e colaborativo durante o processo burocrático de coleta de assinaturas e outros trâmites. No entanto, sua autonomia era limitada à coordenação escolar, responsável por autorizar a entrada de estagiários na instituição. Entre idas e vindas, precisei comparecer presencialmente à escola cerca de quatro vezes até conseguir colocar meu nome em uma lista — o que não garantia ainda a vaga, pois dependia da ordem de procura. Vale destacar que este estágio é obrigatório, porém não remunerado, e a única obrigação da escola seria nos receber e assinar os termos de compromisso, já que se trata de um estágio de observação.

Mesmo com o consentimento do professor regente, a comunicação com os funcionários continuava problemática. Além de nos tratarem com indiferença, não permitiam que aguardássemos a coordenadora na sala dos professores; éramos orientados a esperar no pátio da escola. Além disso, houve resistência para conseguir a assinatura do diretor no termo de compromisso. Várias vezes foi dito que ele não poderia rubricar nas páginas, mesmo após explicarmos que era uma exigência da universidade.

Apenas após irmos diretamente à sala da direção, o diretor assinou sem objeções. Nesse contexto de etiquetas, esse tipo de contato direto com o diretor não era bem visto: sempre que precisávamos ajustar algum detalhe, a coordenadora solicitava que esperássemos do lado de fora enquanto conversava com o diretor.

Após semanas de tentativas e negociações, preocupada em não cumprir a carga horária mínima exigida pela disciplina, que são de 20 horas, fui novamente até a escola e consegui acertar de começar a acompanhar as aulas na semana seguinte. Ao todo, seis alunos acompanharam o professor dividido em 2 dias de aula, o professor é concursado da rede estadual da Bahia e formado em História. Ele complementa sua carga horária de 40h



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

semanais com a disciplina de Sociologia no Colégio Estadual Professora Heleusa Figueira Câmara. Em conversas e planejamentos conosco, o professor demonstrou interesse pela área, ainda que reconhecesse não dominar todos os temas da Sociologia, buscava sempre se atualizar.

Acompanhei as aulas de sexta-feira no tempo integral, nas turmas do 2º ano B e 2º ano C, que têm aulas no turno vespertino, embora estejam na escola desde às 7h40. As aulas da tarde começam às 13h25, logo após o almoço, sempre com certo atraso, pois os alunos se deslocam da área de almoço (térreo) para as salas (segundo andar). Ambas as turmas ficam no segundo andar do prédio, enquanto as demais dependências (direção, coordenação, cantina, pátio) ficam no térreo. As aulas com o 2º ano B iniciavam às 13h35, e com o 2º C às 14h25. Em seguida, voltamos ao 2º B até às 15h40.

As turmas têm, em média, 45 estudantes com idades entre 16 e 18 anos, majoritariamente pardos e brancos, com poucos alunos negros retintos. A turma 2º B apresentou maior agitação: as carteiras bagunçadas, uso constante de celular, conversas paralelas e desatenção, às vezes atribuímos o comportamento ao fato de a aula ser após o almoço. Alguns alunos dormiam nas aulas e pediam para escovar os dentes, interrompendo a sequência da explicação, o que irritava o professor.

De acordo com o professor, o comportamento descrito era frequente nas aulas de Sociologia, mas não se repetia com a mesma intensidade nas aulas de História ministradas no turno matutino. Já a turma do 2º C demonstrava mais interesse e participação, conseguindo produzir mais conteúdo, mesmo com o tempo reduzido. Em ambas, o uso do celular era um desafio constante. O maior obstáculo parecia ser despertar e manter o interesse dos alunos por mais de dez minutos.

Durante as aulas, observei comentários entre os alunos que faziam referência à sexualidade do professor, geralmente em tom pejorativo e carregado de intolerância. Muitas dessas falas vinham do fundo da sala e, por vezes, o professor não as escutava — ou optava por ignorá-las, talvez para evitar abrir espaço para um tipo de debate que, naquele contexto, parecia mais voltado à desestabilização do que ao diálogo. Essa postura silenciosa pode ter sido uma estratégia de contenção diante de um ambiente que ainda demonstra resistência a lidar com a diversidade de forma respeitosa.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

Alguns arranjos se tornam parte da prática docente no chão da escola, é necessário flexibilidade para conseguir avançar no ano letivo e nos conteúdos. Ser inflexível no contexto de escola pública é uma escolha muitas vezes infeliz, considerando as especificidades das escolas públicas no Brasil, e em Vitória da Conquista, interior da Bahia.

Durante as aulas, o professor mantinha uma postura de paciência e compreensão, mesmo diante de desafios como conversas paralelas e risadinhas. Contudo, em uma ocasião, após uma sexta-feira particularmente difícil, com muito barulho e calor, ele pediu que dois alunos saíssem da sala. Naquele momento, disse: “Você não é nada aqui. Se tem alguém que é alguma coisa aqui, sou eu”. Registrei esse episódio no meu diário de campo, inicialmente com um olhar crítico, desconcertado com a situação e cheia de discussões freiriana na cabeça. Mas, após refletir sobre o contexto, compreendi o desgaste do professor. Embora as palavras tenham sido infelizes, os alunos também não eram vítimas passivas na situação.

Outro fator que comprometeu a linearidade do ensino foram os muitos feriados nas quintas-feiras. Nessas ocasiões, muitos alunos faltavam na sexta ou a escola decretava ponto facultativo. Além disso, o professor enfrentou problemas de saúde no primeiro semestre de 2025 e precisou se ausentar algumas vezes, essas aulas não eram repostas. Somando a isso duas semanas de aplicação de simulados, o calendário letivo sofreu diversos prejuízos. Por fim, a experiência, embora curta e marcada por diversos atravessamentos, foi extremamente rica e me possibilitou enxergar uma camada da educação pública que o IFBA, por suas especificidades, não revela.

A estrutura de funcionários e o corpo docente apresentam características muito diferentes daquelas que encontrei no IFBA, revelando uma realidade onde o ensino da Sociologia, muitas vezes, é relegado a segundo plano, sendo assumido por professores de outras áreas apenas para completar a carga horária. Essa vivência me fez perceber que os problemas da educação pública vão muito além da infraestrutura: envolvem relações, acolhimento, compromisso institucional e, sobretudo, a valorização da docência e das ciências humanas.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colégio de Pedagogia
Vitória da Conquista

Considerações finais

A experiência revelou tensões entre expectativa e realidade. Apesar da boa infraestrutura física, o ensino de Sociologia aparece fragilizado, muitas vezes conduzido por professores de outras áreas. Mais do que a falta de recursos, as maiores dificuldades se concentraram na ausência de acolhimento institucional, na falta de valorização da disciplina e no desafio constante de manter o interesse dos estudantes.

Ainda assim, as discussões sobre cultura e diversidade mostraram o potencial da Sociologia para despertar reflexão crítica entre os jovens. O estágio contribuiu para minha formação ao revelar que ser docente exige não apenas domínio de conteúdo, mas também flexibilidade, resiliência e compromisso com a transformação social.

Assim, foi no enfrentamento dos entraves burocráticos, na escuta atenta dos estudantes e na observação do esforço do professor regente diante das adversidades que construí aprendizagens significativas para minha formação. Saio desse estágio inicial mais atenta às nuances do cotidiano escolar, às potências e às limitações do ensino da Sociologia e dos professores, e convicta de que formar-se professora exige muito mais do que dominar o conteúdo da disciplina.

Referências

BAHIA. Secretaria da Educação. Portaria nº 153/2022, de 02 de março de 2022. Altera a denominação do Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães para Colégio Estadual Professora Heleusa Figueira Câmara. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Salvador, 03 mar. 2022. Disponível em: <https://diariooficial.ba.gov.br>. Acesso em: 01 jul. 2025.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

ECODATA. **Colégio Estadual Professora Heleusa Figueira Câmara**. [S. l.]: Ecodata, 2024. Disponível em: <https://www.ecodata.com.br/escola/BA/vitoria-da-conquista/colégio-estadual-professora-heleusa-figueira-camara>. Acesso em: 01 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Colegiado de Pedagogia
Vitória da Conquista

QEDU. **Colégio Estadual Professora Heleusa Figueira Câmara** - Vitória da Conquista (BA). [S. l.]: Fundação Lemann; IDados, 2024. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/escola/29247331-colegio-estadual-professora-heleusa-figueira-camara>. Acesso em: 01 jul. 2025.